

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM IDOSOS: REVISÃO INTEGRATIVA

Luana Centurião Quintino¹
Mariana Ducatti²

resumo

O fenômeno do envelhecimento populacional ganhou relevância nas últimas décadas, simultaneamente, com o dado do número de idosos que convivem com alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST). Buscou-se com esse estudo compreender a relação de idosos com sua sexualidade e IST. Foi realizada uma revisão integrativa utilizando as palavras-chave “doenças sexualmente transmissíveis”, “idosos”, “sexualidade” e “psicologia”. Os resultados permitiram a seleção de 2.720 títulos, e após critérios de seleção, 11 artigos foram selecionados para o estudo. Destes, a maioria corresponde à pesquisa do tipo transversal e tinha como objetivo abordar a percepção de idosos sobre a sexualidade e IST. Os estudos permitiram realizar a quantificação de comportamentos de risco, levantamento de perfil de vulnerabilidade, políticas públicas e intervenção para tal demanda. A análise de estratégias de prevenção de IST e a descrição do papel

1 Graduada do curso de Psicologia da Faculdade Barretos. E-mail: luaahcenturiao@faculdadebarretos.com.br.

2 Psicóloga. Doutora em Ciências. Coordenadora e docente do curso de Psicologia da Faculdade Barretos. E-mail: marianaducatti@unibarretos.com.br.

da Psicologia nesse processo foram descritas de forma indireta. Conclui-se que os estigmas frente à sexualidade da pessoa idosa corroboram a ineficácia da produção de campanhas de prevenção.

palavras-chave

Doenças Sexualmente Transmissíveis. Idosos. Sexualidade. Psicologia.

1 Introdução

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que nas últimas décadas apresentou aumento significativo, ganhando importância e visibilidade principalmente em países em desenvolvimento. Considera-se idosa em países em desenvolvimento, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU), a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos; em países em desenvolvimento, a partir de 65 anos. Para essa definição usa-se não apenas o critério cronológico, mas também, o nível socioeconômico de cada nação, bem como seus aspectos culturais. No Brasil, cerca de 30,2 milhões de pessoas pertenciam a essa faixa etária até o ano de 2017, havendo ainda projeção de que, até o ano de 2070, 35% da população brasileira seja idosa (WHO, 2002; IBGE, 2016; 2018).

Os avanços tecnológicos que se intensificaram a partir da década de 1940, influenciando todas as áreas da ciência, contribuíram para que, em várias partes do mundo, o envelhecimento populacional também se intensificasse. A descoberta de cura e tratamento para diversas doenças, de antibióticos e vacinas, bem como o desenvolvimento econômico dos grandes centros e a melhoria de condições sociais, culminou em avanços nas oportunidades de sobrevivência promovendo longevidade (BRAGA; GALLEGUILLOS, 2014).

Não há grandes diferenças entre o processo de envelhecimento populacional em países desenvolvidos e o Brasil, uma vez que a população cresce de forma exponencial. Contudo, muitas pessoas ainda envelhecem em condições desfavoráveis, uma vez que, apesar de presentes, as melhorias de políticas públicas não são suficientes para atender a todos os idosos. Os efeitos do envelhecimento populacional são então, notados em demandas sociais, de saúde e financeiras do país, entretanto, as mesmas que se sobressaem entre as pessoas idosas, são adicionadas a outras necessidades básicas ainda não solucionadas para a população como um todo (ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016; BRAGA; GALLEGUILLOS, 2014).

Ao abordar a saúde do idoso é comum que se evidencie particularidades do envelhecimento senil ligado ao declínio fisiológico do ser humano que implica em alterações orgânicas funcionais, cognitivas e psicológicas. Considera-se também os aspectos de senilidade que abarcam afecções como doenças crônico-degenerativas e incapacitantes, que estão cada vez mais presentes na sociedade. Segundo Chaimowicz (2016, p. 75), “os brasileiros que atualmente têm 60 a 85 anos representam a parcela da população que sobreviveu a elevada mortalidade infantil por doenças infecciosas em meados do século passado” e hoje, grande parte destes convive com, pelo menos, uma doença crônica. Contudo, novas visões acerca do envelhecimento vêm ganhando destaque, tirando o foco unicamente da doença já estabelecida e elevando o nível de atenção, promoção e busca desse processo de forma saudável (CARDOSO, 2009).

Com frequência, ao se pensar em envelhecimento saudável, tem-se a concepção de ausência de doenças, voltando-se unicamente aos aspectos de adoecimento físico do idoso, contudo, esse processo engloba outras questões de atenção. É importante ressaltar que, a saúde do idoso não se limita a aspectos físicos ou à ausência de doenças, mas devem ser considerados fatores como autonomia, independência, cultura e meio social a que estão vinculados. A partir disso, deve-se entender o envelhecimento saudável como o resultado de uma relação multidimensional entre concepção de saúde física, mental, suporte familiar, convívio social, independência nas atividades de vida diária e econômica (RAMOS, 2003).

É esse novo cenário sociodemográfico que abrange o aumento da população idosa. As novas demandas suscitadas por ela, que se destacam, além das facilidades da vida moderna como reposição hormonal, próteses e medicações para impotência sexual, que têm propiciado que idosos descubram ou redescubram sua sexualidade, práticas sexuais inseguras que os tornam suscetíveis a contaminação por IST e pelo Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV/Aids). Deste modo, compreender além do processo de declínio fisiológico os aspectos subjetivos da população idosa tem grande relevância para a área da saúde, tendo em vista o envelhecimento saudável desse público, assim como, mudanças nas políticas públicas que se adéquam a essa realidade e propiciem atenção integral a saúde do idoso, incluindo ações voltadas à sexualidade.

O declínio físico natural ligado ao processo de envelhecimento torna-se por si só um fator de segregação da população idosa; assim como a sexualidade é desconsiderada nesse período, apesar de ser algo inerente ao ser humano, uma vez que, pode ser vista como “a identidade explicitada que o homem estabelece na relação consigo e com o mundo, e está presente no indivíduo desde a vida uterina até sua morte” (MASCHIO *et al.*, 2011, p. 107). Socialmente, pessoas

nessa faixa etária são classificadas como assexuadas, fator que, assim como o preconceito, está ligado a um paradigma social preponderante de que o sexo tem unicamente a finalidade reprodutora e que, comportamentos opostos a essa ideia é algo impuro, secundário e dispensável, o que acaba por gerar conflitos e desajustes extrínsecos e intrínsecos nos idosos.

Pouco se fala sobre sexualidade de forma ampla com a pessoa idosa, fato negligenciado também por pesquisadores e políticas públicas de saúde. Atualmente, ao passo em que cresce a população idosa, há o aumento de casos de IST HIV/Aids positivos entre esta. Identificada pela primeira vez em 1981 nos Estados Unidos, a Aids se tornou um marco na história, que levou muitas pessoas à morte e causou grandes estigmas sociais (MASCHIO *et al.*, 2011).

Entende-se como IST infecções que acometem um indivíduo, causadas por vírus, bactéria ou outros microrganismos que são geralmente transmitidos por contato sexual que ocorra sem o uso de preservativos com outra pessoa infectada. Além do ato sexual, pode haver infecções por utilização de agulhas em comum, da mãe para a criança durante a gestação, parto ou amamentação, entre outras. Há diversos tipos de IST, contudo, as mais conhecidas e divulgadas são herpes genital, sífilis, gonorreia, hepatites virais B e C, infecções por HIV e Aids. Atualmente a terminologia IST tem sido adotada no lugar de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), visando destacar a probabilidade de uma pessoa estar contaminada e transmitir a infecção sem sentir qualquer sintoma ou sinal desta (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

No Brasil, entre os anos de 2007 e 2018, foram registrados 247.795 novos casos de infecção por HIV. Destes, 169.932 em homens e 77.812 em mulheres, estando a maior concentração de detecção no Sudeste, representando 47,4% do total. Já para o vírus da Aids, entre os anos de 1980 e 2018, registrou-se 926.742 casos, dos quais 606.936 foram encontrados em homens e 319.682 em mulheres. Apesar de nos últimos 10 anos as taxas de detecção mostrarem decréscimo de 9,4%, ainda são altos os números encontrados. No ano de 2017 os casos notificados eram de 26,0 em homens e 11,1 em mulheres, proporcionais para cada 100.000 habitantes de cada sexo, sendo importante ressaltar que as maiores taxas de detecção para ambos estão entre os 25 e 39 anos (BRASIL, 2018).

Apesar dos diversos avanços no sistema de saúde e de alguma diminuição nos casos positivos desde a década de 1980, nota-se que, ainda assim, há um número muito expressivo de ocorrências, bem como uma reconfiguração da população afetada. É dentro deste cenário que os idosos se encontram. Há um aumento nas taxas de detecção entre várias faixas etárias, principalmente entre os homens, contudo, é expressivo o número de casos entre a população com 50 anos ou mais. Em 2007, caracterizavam 5,3 casos para cada 100.000

habitantes chegando, em 2016, a 6,4 ocorrências, o que representa um acréscimo de 21,2% (BRASIL, 2018).

Deste modo, torna-se clara a necessidade em superar tabus arraigados na sociedade frente à sexualidade da pessoa idosa, de modo que o sexo não é exclusivo na juventude, e assim, não só jovens podem contrair IST. A sexualidade da pessoa idosa é muitas vezes negada pela sociedade, vista e baseada em vários estereótipos, bem como ligada à disfunção sexual, à insatisfação, à crença de que não são atraentes e de que não se interessam por sexo ou não reagem a estímulos sexuais. A sexualidade não compreende apenas a relação sexual, mas também o carinho, o afeto, o amor e “a integração dos aspectos físicos, emocionais, intelectuais, espirituais e sociais da personalidade do indivíduo” (BRAGA; GALLEGUILLOS, 2014, p. 108) e auxilia, assim como faz parte do envelhecimento ativo e saudável (MASCHIO *et al.*, 2011).

É importante ressaltar que o desenvolvimento de drogas que ajudam no desempenho sexual, de próteses para disfunção erétil e de tratamentos hormonais para homens e mulheres, contribuem para que os idosos se tornem cada vez mais ativos sexualmente. Esta é também uma das razões para que o aumento de casos positivos de IST ocorra, assim como as falhas em campanhas de prevenção voltadas para essa população, que se torna um desafio para as políticas públicas e para os profissionais de saúde em geral (BRASIL, 2006a; MASCHIO *et al.*, 2011).

Diante destes contextos, como envelhecer é um fenômeno comum e irreversível ao ser humano, que está ligado ao processo contínuo de relações que se estabelecem ao longo da vida, às vivências, às experiências e aos vínculos que constroem com o mundo e com o outro, fazendo uso de seus recursos biológicos, culturais, sociais, econômicos e políticos (BRAGA; GALLEGUILLOS, 2014), torna-se importante aprofundar o conhecimento acerca das temáticas “envelhecendo” e “sexualidade”. É relevante também compreender as crenças e os preconceitos sobre esse tema, bem como ressaltar de que modo os profissionais da Psicologia podem auxiliar na construção de regras menos rígidas e na forma como essas informações poderão chegar até os idosos, familiares, cuidadores e profissionais da saúde, talvez por meio de produção de campanhas de prevenção e estudos voltados aos mesmos.

2 Objetivo

Este artigo tem como objetivo geral abordar, através de uma revisão integrativa da literatura, a relação dos idosos com a sexualidade e as IST.

Sendo os objetivos específicos: a) analisar estudos recentes que estão sendo produzidos sobre essa temática; b) identificar a região do país em que os estudos foram produzidos; c) analisar estratégias de prevenção às IST/Aids voltadas à pessoa idosa.

3 Metodologia

A elaboração deste trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura realizada através de levantamento de artigos e periódicos indexados em bancos de dados específicos. A revisão integrativa dá ao pesquisador a possibilidade de realização de uma análise ampla do assunto ou problema abordado, permitindo discussões de métodos e resultados de pesquisas anteriores, bem como a reflexão acerca de estudos que possam ser elaborados posteriormente (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Diante disso, optou-se por tal método de pesquisa, fazendo-se uso de todas as etapas que envolve.

Os bancos de dados utilizados para busca foram a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A busca foi realizada entre os meses de março e abril de 2019, fazendo-se uso dos descritores: “doenças sexualmente transmissíveis”, “idosos”, “sexualidade” e “psicologia”, todos previamente validados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), sendo esses utilizados apenas em português, uma vez que se esperava, com esse trabalho, caracterizar a população brasileira. Optou-se pela utilização de “doenças sexualmente transmissíveis” devido à alteração recente para o termo “infecções sexualmente transmissíveis”, considerando que isso poderia ser uma limitação significativa para a coleta de dados.

Nas bases de dados BVS e SciELO foram utilizados os filtros: artigos e texto completo disponível; a base Pepsic não disponibilizava campo de filtros a ser preenchido. A seleção dos artigos foi feita considerando o ano de publicação, os periódicos disponíveis na íntegra e o idioma. Deste modo, os critérios de inclusão foram: a) artigos publicados nos últimos cinco anos, b) disponíveis na íntegra e c) em português. Foram excluídos documentos repetidos e que não articulavam os temas DST, idosos e sexualidade.

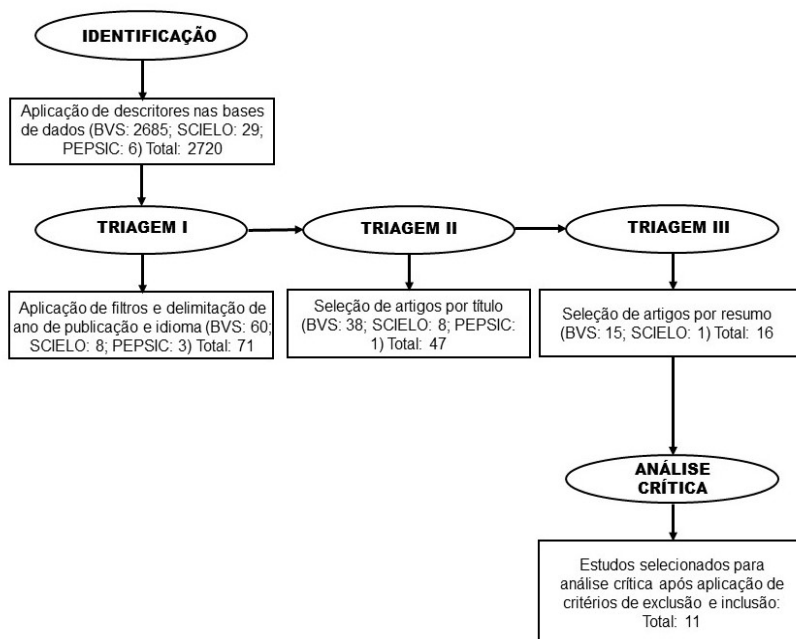
4 Resultados

As buscas dos artigos ocorreram da seguinte maneira: utilização de descritores, aplicação de filtros e delimitação do ano de publicação, seleção de artigos por título, seleção de artigos por resumo, seleção final após leitura completa. Cada etapa gerou um número de artigos, iniciando-se em 2.720 documentos e finalizando em 11, como exposto no fluxograma do processo de aplicação.

No processo de identificação de artigos a serem utilizados no estudo, foram encontrados no total 2.720 documentos sem a aplicação de filtros ou limite de ano e idioma, destes, 2.685 estão disponíveis na BVS, 29 na Scielo e seis na Pepsic. Em um primeiro processo de triagem foi feito o refinamento de conteúdo com aplicação de filtros para delimitação de busca; no portal BVS foram utilizados os filtros “texto completo disponível”, “idioma português”, “tipo de documento artigo” e “ano de publicação de 2013 a 2018”. O portal Pepsic não disponibiliza filtros para serem colocados. Assim, o número de documentos encontrados por bases de dados foram: 60 na BVS, oito na Scielo e três na Pepsic, totalizando 71 artigos.

O segundo processo de triagem foi realizado a partir da análise de títulos dos artigos encontrados, excluindo assim, todos que não articulavam ou mencionavam os temas DST, idosos e sexualidade. Foram excluídos, nesse processo, 24 documentos, permanecendo assim 47 artigos, dos quais 38 estavam disponíveis na BVS, oito na Scielo e um na Pepsic. No terceiro processo de triagem foi feita a leitura dos resumos dos trabalhos selecionados na “Triagem II”, foram excluídos artigos que não se enquadravam nos critérios de inclusão, repetidos nas bases de dados ou que não apresentavam o texto completo em português. O total de artigos retirados nessa etapa foi de 31, restando, desse modo, 16 documentos dos quais 15 estavam disponíveis na BVS e um na Scielo.

Figura 1 – Fluxograma do Processo de Pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para estudo dos dados foram selecionados 11 artigos para análise crítica que melhor se enquadram nos critérios de inclusão, organizados, na Tabela 1 apresentada a seguir, por título, ano de publicação, objetivo, metodologia e região de publicação/pesquisa.

Tabela 1 – Artigos selecionados

TÍTULO	ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA	REGIÃO
A percepção dos idosos de um centro de convivência de Teresina – PI sobre a Aids	2013	Descrever e analisar a percepção dos idosos sobre a Aids.	Pesquisa qualitativa.	Nordeste
Análise dos comportamentos sexuais de idosos cadastrados em uma Estratégia Saúde da Família	2014	Descrever comportamentos sexuais e conhecimentos de idosos cadastrados em um ESF sobre DST.	Pesquisa quantitativa, descritiva e transversal.	Sudeste

TÍTULO	ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA	REGIÃO
Sexualidade e comportamento de idosos vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis.	2015	Descrever comportamentos e conhecimentos de idosos frente às DST, a partir do uso ou não de preservativos.	Estudo transversal, retrospectivo e de prevalência.	Sudeste
Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática	2015	Analisar a evolução das DST em idosos no Brasil e no mundo, os aspectos abordados em pesquisas sobre o tema e fornecer dados que contribuam para a elaboração de políticas voltadas a essa população.	Revisão bibliográfica sistemática.	Sudeste
Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco	2016	Investigar e verificar o conhecimento e a percepção de risco de idosos quanto ao contágio por IST e HIV.	Estudo descritivo quantitativo.	Nordeste
Perfil da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida em idosos	2016	Traçar perfil de casos de SIDA em idosos notificados em um hospital-escola.	Estudo transversal, descritivo e quantitativo.	Nordeste
Conhecimento dos idosos da estratégia saúde da família em relação ao HIV/AIDS	2016	Descrever o conhecimento e identificar o comportamento de idosos em relação ao HIV/Aids.	Estudo descritivo, qualitativo.	Nordeste
Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis	2017	Identificar prevalência e fatores associados às IST em idosos.	Estudo transversal.	Sudeste
Validação de cartilha educativa para prevenção de HIV/Aids em idosos	2017	Descrever o processo de construção e validação de cartilha educativa para prevenção de HIV/Aids em idosos.	Pesquisa tipo metodológica, envolvendo diagnóstico situacional e elaboração de material educativo.	Nordeste

TÍTULO	ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA	REGIÃO
Amor, atitudes sexuais e índice de risco às DST em idosos	2017	Investigar a relação entre a percepção do amor e de atitudes sexuais e o risco de contágio das DST em idosos.	Estudo quantitativo	Sudeste
Revisão sistemática sobre o olhar do idoso acerca das IST e do HIV/ Aids	2018	Identificar produção científica elaborada sobre o conhecimento de idosos sobre infecções pelo HIV e IST.	Revisão integrativa da literatura.	Nordeste

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Ao que diz respeito à região, vê-se que a maior parte dos artigos corresponde ao Nordeste do país, produzidos nos anos de 2013 (um), 2016 (três), 2017 (um) e 2018 (um), totalizando seis trabalhos. Os cinco restantes correspondem à região Sudeste, produzidos nos anos de 2014 (um), 2015 (dois) e 2017 (dois).

Por meio da análise de objetivos e conteúdos gerais de cada artigo, foi realizada uma nova subdivisão em eixos principais, sendo possível que o mesmo estudo pudesse se adequar a mais de um tema. Deste modo, três destacaram a percepção de idosos sobre sexualidade e IST, três tratavam da descrição e quantificação de comportamentos de risco de idosos frente às IST, dois fizeram levantamento de perfil de idosos vulneráveis e já contaminados, dois enfatizaram a questão de políticas públicas para essa população e um, de caráter interventivo, tratava da criação de material de conscientização.

Em relação à metodologia utilizada para elaboração dos trabalhos, quatro correspondem à pesquisa transversal (transversal, descritivo e quantitativo; quantitativa, descritiva e transversal; transversal retrospectivo e de prevalência; estudo transversal), dois à qualitativa (pesquisa qualitativa; estudo descritivo qualitativo), três à revisão sistemática da literatura, uma metodológica e um estudo descritivo quantitativo.

Nota-se que os resultados encontrados permitiram alcançar os objetivos propostos. Alguns artigos encontrados permitiram a análise de estratégias de prevenção de DST/Aids, assim como descrição de forma indireta no papel da psicologia nesse processo, ou as possibilidades de atuação. Dois pontos que inicialmente não eram objetivo de investigação, mas que foram percebidos ao longo da estruturação dos resultados são: há um número muito pequeno de

produções da área da Psicologia nessa temática e, a maior parte da literatura encontrada trata do HIV/Aids e não das IST como um todo ou outras específicas.

Os dados permitiram a análise dividida em eixos: o maior número de pesquisas abordando percepções sobre IST e sexualidade, seguidos por investigação de comportamentos de risco, perfil de vulnerabilidade, políticas públicas e intervenção através de criação de material. Assim a discussão segue a seguinte ordem: região de produção dos estudos; percepção sobre sexualidade e IST; comportamentos de risco e vulnerabilidade; políticas públicas, intervenção e relações com Psicologia.

Os resultados indicaram que seis artigos selecionados são da região Nordeste, fato esse, que pode estar vinculado ao aumento progressivo da população e dos casos de HIV/Aids nos últimos dez anos, já que, entende-se que pesquisas são elaboradas de modo a entender o fenômeno que atinge dada população. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que, até o dia 1º de julho de 2019 a população nordestina chegaria ao total de 57.071.654 pessoas e destas, cerca de 7.024.486 teriam 60 anos ou mais. Ainda, um levantamento demográfico mostra que, do ano de 2007 ao ano de 2018, os casos de HIV somaram 42.215 naquela região, correspondendo a 17,0% do total nacional de 247.295, permanecendo atrás apenas da região Sudeste (47,4%) e Sul (20,5%). Em casos de Aids, a região Nordeste também apresenta tendência de crescimento de 24,1% de detecção entre os anos de 2007 e 2017 (IBGE; 2018; BRASIL; 2018).

Quanto à percepção dos idosos sobre sexualidade e IST, os resultados mostraram que é comum que haja correlação entre sexo e contaminação, assim como a Aids — doença mais citada — é vista como cruel e excludente, principalmente na velhice. Nota-se um déficit quanto às informações a que essa população tem acesso, são pouco conhecidas as formas de contaminação, ainda sendo citados o contágio por beijo, pelo ar ou aperto de mão, assim como há falta de conhecimento sobre tratamento e prevenção. Apesar de citado como medida preventiva, o uso de preservativos também se mostrou excluído da prática sexual dos idosos, o que pode estar ligado ao fato de seu uso ser associado apenas à concepção.

Neste sentido, Silva *et al.* (2009) e Paradella (2018) afirmam que o envelhecimento populacional já toma status de fenômeno mundial e tem previsto aumento progressivo para as próximas décadas, o que fomenta diversas novas demandas. O olhar, que passa da atenção ao declínio fisiológico do ser humano para a atenção multidimensional, abre espaço para que, através de pesquisas, se fale sobre a sexualidade da pessoa idosa.

A sexualidade é entendida por Maschio *et al.* (2011), Braga e Galleguillos (2014) como inerente ao homem, presente em todas as fases do desenvolvimento e, diretamente ligada a questões de bem-estar e qualidade de vida. Socialmente é vista unicamente como o ato sexual e exclusiva da juventude, como se o desejo não fosse possível ou permitido à pessoa idosa, assim como o contágio por IST/Aids.

Os estudos analisados apontam também, que os principais elementos da vulnerabilidade presente na população idosa frente às IST, estão na existência de crenças e tabus errôneos sobre a sexualidade na velhice e no conhecimento deficiente que eles têm sobre essas infecções. Assim, Saldanha *et al.* (2009 apud GARCIA *et al.*, 2012, p. 183) ressaltam que:

As construções sociais habituais consideram o idoso um ser predisposto a perdas (como, por exemplo, a morte do conjúge), limitações, incapacidade de procriação e inatividade sexual. Isto compromete a percepção sobre as novas trajetórias que estes indivíduos podem traçar, fazendo com que a velhice se torne um processo passivo à vulnerabilidade e à fragilização frente às doenças.

A epidemia de HIV e Aids no Brasil é caracterizada por significativa desigualdade social e sua disseminação mostra uma epidemia de múltiplas dimensões, que é, no início, “restrita a alguns círculos cosmopolitas das denominadas metrópoles nacionais — São Paulo e Rio de Janeiro — e marcadamente masculina, que atingia prioritariamente homens com prática sexual homossexual e indivíduos hemofílicos” (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2001, p. 208), assim como usuários de drogas injetáveis. Foi a partir desse perfil que se estabeleceram os denominados “grupos de risco”. Contudo, a partir da década de 1990, houve uma reconfiguração significativa do perfil epidemiológico, que inclui a heterossexualização, a feminização, a interiorização e o envelhecimento da epidemia (MENECHIN, 1996 apud PERUCCHI *et al.*, 2011).

Perante isso, passa-se a empregar o conceito de “vulnerabilidade” visando a alterar “a concepção da própria epidemia, [...] para uma reorientação de ações de intervenção no sentido de incluir mediações históricas e estruturais” (PARKER, 1996 apud PERUCCHI *et al.*, 2011, p. 73), ou seja, os fatores que envolvem a natureza biológica, epidemiológica, social, cultural, política e econômica de um indivíduo ou grupo, capaz de reduzir ou ampliar o risco, ou a proteção frente a uma doença, ou condição (BRASIL, 2006b).

Assim Meneghin (1996 apud PERUCCHI *et al.*, 2011, p. 73) afirma:

Tais alterações trouxeram a necessidade de uma revisão no conceito de “grupos de risco”, uma vez que a epidemia deixou de atingir determinados segmentos

populacionais sobre particular risco. A partir disso, o conceito de “comportamento de risco” foi empregado para caracterizar práticas de sexo desprotegido e/ou o uso de drogas injetáveis sem os cuidados necessários.

Deste modo, são considerados comportamentos de risco práticas que tendem a expor uma pessoa a algo que comprometa sua integridade, saúde e/ou vida. Quando se fala em infecções sexualmente transmissíveis, comportamentos de risco são aqueles que aumentam a probabilidade de contágio e transmissão, sendo eles: a não utilização de preservativos, possuir muitos parceiros sexuais, consumo de álcool e drogas, compartilhamento de seringas etc.

Desde o advento da doença, os estigmas e os preconceitos gerados sobre a sexualidade e a vida privada das pessoas se estabeleceram e tomaram proporções percebidas até a atualidade, o que se assemelha ao processo de envelhecimento e ao fato de se manter uma vida sexual ativa. Contudo, deve-se considerar que envelhecer não deve ser, nem significar, adoecimento, assim como a sexualidade não quer dizer juventude, reprodução ou heteronormatividade. Na realidade, “o importante a ser considerado, para a saúde do homem e da mulher, é que a sexualidade, seja qual for o nível e a modalidade de sua expressão, deve continuar sendo possível, agradável e proveitosa para os envolvidos” (REIS; CASTRO, 2003, p. 70). Apesar de envolver o ato sexual, ela vai além; as expressões afetivo-sexuais devem continuar existindo independente de idade ou doença que acometa o indivíduo (REIS; CASTRO, 2003; PERUCCHI *et al.*, 2011).

Os resultados indicam ainda que há uma falha no que diz respeito às políticas públicas no sentido de elaboração de campanhas de prevenção e conscientização voltadas à população com 60 anos ou mais. O que pode estar relacionado ao fato de a população idosa não ter sua sexualidade considerada e não ser reconhecida como vulnerável, sendo o tema considerado prescindível pelos próprios profissionais de saúde, dificultando assim, a implantação de ações que os beneficiem nesse sentido (MASCHIO *et al.*, 2011).

As políticas de saúde voltadas às IST foram instituídas, mais especificamente em 1986 com a criação do Programa Nacional de DST e Aids, quatro anos após a aparição oficial da doença no Brasil (1982). O programa tinha a tarefa de “coordenar, elaborar normas técnicas e formular políticas públicas em sua área de abrangência” (PERUCCHI *et al.*, 2011, p. 73). Antes disso, nos primeiros anos da epidemia, o Estado limitou a ação das secretarias de saúde dos locais mais afetados, sendo necessário que a própria população se organizasse para criar estratégias de enfrentamento e de controle das ações do governo (PERUCCHI *et al.*, 2011).

Foi em 1988, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que se iniciou, de forma efetiva, o fornecimento de medicamentos para profilaxia e tratamento das infecções oportunistas, pelo Ministério da Saúde. É possível considerar que “as premissas do SUS de participação e controle social, de integralidade da atenção à saúde e de universalidade do acesso ao sistema foram vitais para a configuração das respostas à epidemia da aids no Brasil” (COSTA-COUTO, 2007 apud PERUCCHI *et al.*, 2011, p. 74).

A partir disso, muitos foram os avanços em relação ao combate ao HIV no país. Dados do Ministério da Saúde (1995 apud PERUCCHI *et al.*, 2011, p. 74), mostram que:

[...] foram designados direitos às pessoas vivendo com o vírus. Foram estabelecidas importantes leis federais de forte impacto, como a lei 7.649 de 1988, que obriga o cadastramento dos doadores de sangue e a realização de exames laboratoriais no material, com o intuito de prevenir a propagação de doenças; a lei 7.670 de 1988, que estende às pessoas vivendo com HIV benefícios referentes à licença para tratamento de saúde, aposentadoria, reforma militar, FGTS e outros; e a lei 7.713 do mesmo ano, em seu art. 6º, inc. XIV, que isenta o portador do vírus HIV de pagamento do imposto de renda sobre os proventos recebidos.

Hoje, o Brasil se destaca como o maior, melhor e mais completo programa de distribuição de medicação antirretroviral do mundo, sendo todos os casos, quando notificados, atendidos e sem gerar custos aos pacientes. Disponibiliza também medidas profiláticas para a prevenção de transmissão vertical do HIV, realização de estudos em grupos populacionais específicos, estratégias de redução de danos para indivíduos usuários de drogas injetáveis, oferta de preservativos masculinos e femininos gratuitamente e suporte diagnóstico (PERUCCHI *et al.*, 2011).

Contudo, ainda permanecem os principais desafios estabelecidos pela Política Nacional de DST/Aids, que visam reduzir a incidência de Aids em todos os segmentos populacionais que se encontrem em situação de risco e vulnerabilidade, garantir direitos e qualidade de vida a pessoas que vivem com HIV e Aids e priorizar ações voltadas a esse segmento (BRASIL, 1999).

Um estudo produzido por Cunha *et al.* (2015) dá a dimensão de como a sexualidade da pessoa idosa é tratada pelos profissionais de saúde em uma Estratégia de Saúde da Família (ESF). Nele, vê-se que os próprios profissionais não têm como prática questionar a respeito da sexualidade ou da prática sexual durante os atendimentos, pois geralmente esperam que o próprio idoso levante a questão, o que, carregado de estereótipos, prefere não fazer. Isso se deve “porque a atenção à saúde é realizada com enfoque na queixa ou na

doença, visão curativista do processo saúde-doença” (CUNHA *et al.*, 2015, p. 895). O que pode ser tomado como conduta geral dos profissionais frente ao preconceito que envolve o tema. Contudo, deixar de abordá-lo não possibilita que a prevenção de agravos seja efetiva.

Quanto à psicologia, sua atuação e presença na elaboração de estudos analisados neste trabalho foi mínima. Notou-se que há um número muito pequeno de produções voltadas a essa temática, assim como a descrição da atuação dos psicólogos nesse meio. Desta forma, conforme apontado pelo Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, o CREPOP (2008 apud PERUCCHI *et al.*, 2011, p. 75):

[...] a entrada da Psicologia nesse debate é de suma importância, uma vez que os(as) psicólogos(as) podem desempenhar relevante papel na elaboração de políticas públicas eficientes voltadas à aids, além de avaliarem ações provenientes das diretrizes dos programas dos governos federal, estadual e municipal.

Consta que desde a implementação das primeiras políticas voltadas aos cuidados das DST e da Aids, a Psicologia vem sendo chamada a cooperar, estando sua participação inclusa em equipes multidisciplinares de atenção integral à saúde do indivíduo. O que deixa claro que, nesse sentido, os psicólogos podem desempenhar um papel fundamental, estando atentos às consequências geradas por sua prática. E a partir disso, refletir sobre como potencializar seu trabalho, de modo que contribua para a construção de políticas que de fato sejam públicas e eficientes, para a formulação de informações capazes de atingir todas as camadas da sociedade e na desconstrução de preconceitos (PERUCCHI *et al.*, 2011).

Novamente, retorna-se ao ponto de que, mesmo que o envelhecimento seja alvo de inúmeras pesquisas, nos mais diversos campos do conhecimento científico, a esfera da sexualidade ainda possui enorme carência de estudos. Isso se dá uma vez que, a maioria dos trabalhos existentes tende a abordar conteúdos sobre disfunção e alterações no funcionamento sexual do homem e da mulher, abrangendo de forma mínima sobre como os idosos lidam emocionalmente com a sexualidade. Algumas abordagens da Psicologia têm se focado nesse âmbito, visando a compreensão dos vários fatores intrínsecos ao envelhecimento para então, propiciar intervenções psicossociais que propiciem melhores condições de vida a essa população (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016).

Quanto à intervenção, apenas um dos trabalhos selecionados tratava desse assunto, ainda com elaboração de material educativo sobre HIV/Aids voltada para a população idosa, visando as lacunas apontadas em estudos anteriores

realizados pelos autores do material. Na esfera da prática profissional do psicólogo, algumas estratégias no âmbito da intervenção são relevantes no campo da IST como aconselhamento, plantão psicológico, ações voltadas à educação e saúde envolvendo principalmente a educação sexual, ações de prevenção, grupos e oficinas, acompanhamento terapêutico, atendimento familiar, entre outros, tendo como foco não apenas o idoso, mas também a família, os cuidadores e os profissionais da saúde (PERUCCHI *et al.*, 2011).

O Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, formulou e lançou, em 2016, o Manual de Oficinas Educativas Sobre Sexualidade e Prevenção de DST/Aids no Idoso, com o intuito de expandir e melhorar os conhecimentos acerca de HIV/Aids e outras IST na saúde do idoso, apresentando vivências educativas e orientações aos profissionais de saúde, visando o preparo destes para tratar com a população idosa sobre sexualidade, prevenção e IST. Do mesmo modo, o Conselho Federal de Psicologia em 2008, publicou o manual de Referências Técnicas para a Prática do Psicólogo nos programas de DST e Aids e, em 2009, o manual de Práticas Profissionais do(a) Psicólogo(a) no campo das DST/Aids, também com o intuito de embasar a prática do profissional para o manejo dessas demandas (SÃO PAULO, 2016; CFP, 2008; 2009).

Vê-se então, que atuação dos profissionais psicólogos junto à população que vive com HIV/Aids e outras DST e seus familiares, se torna de suma importância para a identificação de vulnerabilidades, para a promoção de direitos humanos, compreensão e manejo da subjetividade das pessoas idosas. Nesse mesmo sentido, os profissionais da psicologia são importantes na atuação neste cenário, visando o envelhecimento saudável, a promoção de saúde, a prevenção de doenças, a redução de danos e a mediação entre sexualidade, envelhecimento e IST (CFP, 2009; PERUCCHI *et al.*, 2011).

5 Conclusão

Observou-se que ao passo em que ocorre, na maior parte do mundo, uma reconfiguração demográfica que evidencia o envelhecimento populacional, também ocorre no Brasil o envelhecimento no cenário das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), fato que chama a comunidade científica e a sociedade a atentar-se a essa temática.

Os dados coletados durante a produção deste trabalho permitem observar que, apesar de muitos estudos sobre o envelhecimento serem elaborados abrangendo os mais diversos aspectos do envelhecer (físico e cognitivo,

principalmente), pouco se tem sobre a sexualidade dessas pessoas, sobretudo no que diz respeito à subjetividade da sexualidade para os idosos. Fato esse, que pode estar relacionado ao modo como a sociedade vê essa população, os classificando como assexuados e incapazes de dar e receber prazer.

Quando se relaciona envelhecimento e IST se torna imprescindível a associação com sexualidade. Deste modo, negligenciar esse aspecto da pessoa idosa corrobora não apenas o aumento considerável de casos que vem sendo notificados, mas também, o desinteresse na produção de estudos acerca do assunto. Além disso, confirma a ineficácia na adesão de campanhas de prevenção e conscientização já existentes, já que os mesmos não se compreendem como vulneráveis a contrair alguma IST.

A partir dessa revisão foi possível observar que a produção científica sobre infecções sexualmente transmissíveis na terceira idade ainda é falha, principalmente no tocante aos trabalhos da área da Psicologia, o que ressalta a importância da elaboração de mais pesquisas de modo a estimular o desenvolvimento de políticas públicas que trabalhem a sexualidade na terceira idade, bem como a elaboração de campanhas voltadas a essa população.

Ressalta-se também a importância da participação dos profissionais da saúde no diálogo com os idosos, familiares e cuidadores, a fim de romper os paradigmas preconceituosos em torno da sexualidade na terceira idade. Assim também, sinaliza-se a importância do envolvimento dos profissionais da psicologia de forma efetiva nesse sentido, trabalhando não apenas como membro da rede de apoio de pessoas já diagnosticadas, mas como mediador do conhecimento para idosos e demais profissionais da saúde.

SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS IN THE ELDERLY: INTEGRATIVE REVIEW

abstract

The phenomenon of population aging has gained relevance in recent decades, simultaneously, with the data on the number of elderly people living with some Sexually Transmitted Infections (STI). This study sought to understand the relationship of the elderly with their sexuality and STI. An integrative review was carried out using the keywords "sexually transmitted diseases", "elderly", "sexuality" and "psychology". The results allowed the selection of 2720 titles and after selection criteria, 11 articles were selected for the study. Of these, most correspond to cross-sectional research and aimed to address

the perception of the elderly about sexuality and STDs. The studies made it possible to carry out the quantification of risk behaviors, a survey of the profile of vulnerability, public policies, and intervention for such demand. The analysis of STD prevention strategies and the description of the role of Psychology in this process were described indirectly. It is concluded that the stigmas regarding the sexuality of the elderly corroborate the ineffectiveness of the production of prevention campaigns.

keywords

Sexually Transmitted Infections. Elderly. Sexuality. Psychology.

referências

ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28693. Acesso em: 23 set. 2019.

ANDRADE, Juliane *et al.* Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 8-15, jan. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002017000100008&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 6 out. 2019.

BRAGA, Cristina; GALLEGUILLOS, Tatiana Gabriela Brassea. *Saúde do adulto e do idoso*. 1. ed. São Paulo: Érica, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Política Nacional de DST/aids*. 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1999. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_17.pdf. Acesso em: 4 out. 2019.

BRASIL. *HIV/Aids, hepatites e outras DST* (Cadernos de Atenção Básica, n. 18). Brasília, DF: Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2006b. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registo/Cadernos_de_atencao_basica_HIV_Aids_hepatites_e_outras_DST/455. Acesso em: 7 set. 2019.

BRASIL. *Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa* (Caderno de Atenção Básica, n. 19). Brasília, DF: Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2006a. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_saude_pessoa_idosa.pdf. Acesso em: 1 out. 2019.

BRASIL. HIV AIDS. *Boletim Epidemiológico*, Brasília, v. 49, n. 53, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>. Acesso em: 29 set. 2019.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, Uberaba, v. 34, n. 2, p. 207-2017, abr. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0037-86822001000200010&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 15 dez. 2019.

BRITO, Nivea Maria Izidro de *et al.* Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e AIDS: conhecimentos e percepção de risco. *ABCS Health Sciences*, Santo André, v. 41, n. 3, p. 140-145, dez. 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-827381>. Acesso em: 9 out. 2019.

BRURIGO, Giovana da Fonseca *et al.* Sexualidade e comportamento de idosos vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis. *Revista Cuidarte Enfermagem*, Catanduva, v. 9, n. 2, p. 148-143, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/bde-27676>. Acesso em: 7 out. 2019.

CARDOSO, Andreia Ferreira. Particularidades dos idosos: uma revisão sobre a fisiologia do envelhecimento. *Revista Digital Educación Física y Deportes*, ano 13, n. 130, Buenos Aires, mar. 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd130/idosos-uma-revisao-sobre-a-fisiologia-do-envelhecimento.htm>. Acesso em: 25 set. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Referências técnicas para atuação do(a) psicólogo(a) nos programas de DST e Aids*. Brasília, DF: CFP, 2008. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tcnicas-para-a-prtica-do-a-psicologo-a-nos-programas-de-dst-e-aids/>. Acesso em: 5 out. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Práticas profissionais dos(as) psicólogos(as) no campo das DST/Aids*. Brasília, DF: CFP, 2009. Disponível em: http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2010/11/livro_web3_FINAL2.pdf. Acesso em: 1 nov. 2019.

CHAIMOWICZ, Flávio. Epidemiologia do envelhecimento no Brasil. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

CORDEIRO, Luana Ibiapina *et al.* Validação de cartilha educativa para prevenção de HIV/Aids em idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 70, n. 4, p. 775-782, ago. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-898144>. Acesso em: 3 out. 2019.

CUNHA, Luana Miranda *et al.* Vovó e vovô também amam: sexualidade na terceira idade. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 894-900, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1049>. Acesso em: 25 out. 2019.

FERRO, Ana Paula Ferreira *et al.* Perfil da síndrome da imunodeficiência adquirida em idoso. *Revista Iberoamericana de Educación en Enfermería*, Madrid, v. 6, n. 1, p. 49-55, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/bde-29359>. Acesso em: 5 out. 2019.

GARCIA, Giuliana S. *et al.* Vulnerabilidade de idosos frente ao HIV/Aids: tendências da produção científica atual no Brasil. *DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 183-188, 2012. Disponível em: http://www.dst.uff.br/revista24-3-2012/7-Vulnerabilidade_idosos_aids.pdf. Acesso em: 1 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Projeção da população – tabelas 2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 6 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

LIMA, Laysa Bianca Gomes de; MOREIRA, Maria Adelaide Silva Paredes; SILVA, Terezinha Nunes. Revisão sistemática sobre o olhar do idoso acerca das IST e do HIV/Aids. *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 239-244, jun. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-905977>. Acesso em: 5 out. 2019.

MASCHIO, Manoela Busato Mottin *et al.* Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. *Revista Gaúcha de Enfermagem (online)*, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 583-589, set. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1983-14472011000300021&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 7 nov. 2019.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/714/71411240017.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST"*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>. Acesso em: 29 set. 2019.

NETO, Jader Dornelas *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 12, p. 3853-3864, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n12/1413-8123-csc-20-12-3853.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

PARADELLA, Rodrigo. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 25 set. 2019.

PAULINO, Maria Cecília de Fatima Oliveira *et al.* Análise dos comportamentos sexuais de idosos cadastrados em um Estratégia Saúde da Família. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 49-61, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-768806>. Acesso em: 7 out. 2019.

PERUCCHI, Juliana *et al.* Psicologia e políticas públicas em HIV/AIDS: algumas reflexões. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 23, p. 72-80, 2011. Número especial. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000400010. Acesso em: 22 nov. 2019.

RAMOS, Luiz Roberto. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 793-797, jun. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000300011&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 23 set. 2019.

REIS, Cláudia Angélica do Carmo; CASTRO, Nely Maria dos Santos. Desmistificação da sexualidade feminina na terceira idade: uma descrição das contingências. In: SADI, Hérica Mesquita; CASTRO, Nely Maria dos Santos (org.). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*. 1. ed. Santo André: ESETEC Editores Associados, 2003.

SALES, Jaqueline Carvalho e Silva *et al.* A percepção do idoso de um centro de convivência de Teresina – PI sobre a Aids. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 17, p. 620-627, jul./set. 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/bde-25516>. Acesso em: 10 out. 2019.

SÃO PAULO (Estado). *Manual de oficinas educativas sobre sexualidade e prevenção de DST/Aids no idoso*. São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde; Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia, 2016. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/recursos/ppgg/publicacoes/guias-e-manuais/ppgg-manualdeoficinasdst.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2019.

SILVA, Claudia Cristina *et al.* Saúde do idoso: o papel do enfermeiro na busca pela qualidade de vida da pessoa idosa. 2009. 13 f. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC); Faculdade de Ciências da Saúde de Barbacena (FASAB), Barbacena, 2009. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/trabalhos-academicos/saude-do-idoso-o-papel-do-enfermeiro-na-busca-pela-qualidade-de-vida-da-pessoa-idosa/>. Acesso em: 3 set. 2019.

SILVA, Luiz Antonio da; FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; HERNANDEZ, José Augusto Evangelho. Amor, atitudes sexuais e índice de risco às DST em idosos. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 323-342, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-915775>. Acesso em: 10 out. 2019.

SOUZA, Maria das Dores Duarte de *et al.* Conhecimento dos idosos da estratégia saúde da família em relação ao HIV/Aids. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, Recife, v. 10, n. 11, p. 4036-4045, nov. 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/bde-30150>. Acesso em: 8 out. 2019.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 196-209, jan./mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100196#B47ao. Acesso em: 10 nov. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *The world health report 2002: reducing risks, promoting healthy life*. Switzerland: WHO, 2002.

Data de Submissão: 22/04/2020

Data de Aceitação: 28/08/2020

